

Crônicas Forenses

Um Advogado de família

“Sylvinho”, como era chamado na infância e na juventude, “Sylvão”, na maturidade, nunca criou inimizades e só fez amigos e admiradores.”



Roberto Delmanto

Na medicina, há atualmente uma espécie em extinção, que no passado predominava: o médico de família. Clínico geral, atendia gerações de um mesmo núcleo familiar; conhecia bem a todos e todos confiavam em seu diagnóstico. Era facilmente localizável, de dia ou de noite, no consultório ou em casa, inclusive nos fins de semana. Suas consultas eram detalhadas, só pedindo exames ou encaminhando a especialistas, quando absolutamente necessário.

Hoje, os médicos em geral não mais nos tocam; são quase todos especialistas em algo e vão logo pedindo sofisticados exames, muitos deles invasivos. Não vão às nossas casas e nunca são encontrados nos finais de semana.

Na advocacia, existe igualmente uma espécie em extinção: o advogado de família. Profissional liberal por excelência, trabalhava muitas vezes só, ou no máximo,

com um ou dois colegas de escritório. Atendia pessoalmente os clientes e pessoalmente cuidava das causas, do início até o fim. Era fácil de ser encontrado e de com ele se falar, tornando-se um conselheiro insubstituível de famílias, industriais e comerciantes.

Nos tempos atuais proliferam os grandes escritórios, alguns com mais de uma centena de profissionais nas mais diversas áreas. Apesar da inegável competência dessas firmas de advogados, o contato com o cliente tornou-se mais impessoal. Os sócios, por acúmulo de serviço, delegam as causas aos advogados associados ou contratados, que, a seu tempo, acabam formando seus próprios escritórios.

Sylvio Fernando Faria Júnior, que recentemente nos deixou aos 60 anos de idade, foi um desses profissionais liberais por excelência, um autêntico advogado de família. Durante cerca de quatro décadas destacou-se nas áreas cível e comercial, com algumas incursões bem sucedidas na área trabalhista.

Conheci-o aos doze anos de idade, no Colégio São Luís. Já então se destacava por sua inteligência e carisma. Certa vez, o saudoso professor de história Silvío Barbieri resolveu fazer um teste: pediu aos alunos das três turmas que compunham a 2ª série ginásial que escrevessem, em um pedaço de papel, os nomes de dois colegas que consideravam seus melhores amigos; Sylvio Faria ganhou não só na sua, mas em todas as turmas, com larga margem de votos.

Continuamos colegas na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde nos formamos em 1966. Sylvio foi um dos alunos mais brilhantes da nossa turma.

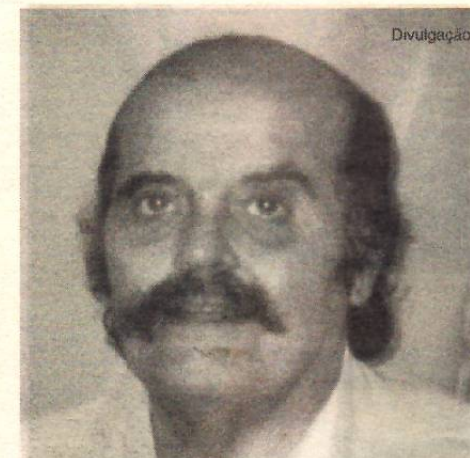
Não costumava perder aulas, prestando sempre atenção. A partir daí, bastava ler as apostilas ou os livros indicados nas vésperas das provas semestrais para tirar sempre nove ou dez.

Ainda estudante, começou a trabalhar no escritório de seu avô materno, o eminente comercialista e professor catedrático das Arcadas Waldemar Ferreira. Teve-o como mestre, além de dois outros renomados advogados: seu tio Rui Martins Ferreira e seu tio por afinidade Celso Alves de Araújo. Ao seu lado, durante toda a vida profissional, esteve sempre seu primo Celso Alves de Araújo Filho, também conceituado causídico.

Sylvio sabia, no relacionamento com os clientes, tratá-los com intimidade e, ao mesmo tempo, passar-lhes segurança. Não tinha estagiários ou secretária, além da “eletrônica”. Quando alguma audiência coincidia com outra ou saía de férias, o primo Celso, o “Celsão”, lhe socorria. Conhecia a fundo as áreas em que atuava, principalmente a jurisprudência predominante no Supremo Tribunal Federal. O que lhe permitia conduzir suas causas nessa direção, obtendo, em processos aparentemente perdidos, verdadeiras reviravoltas na Superior Instância. Datilografava, pessoalmente e com esmero, suas petições e razões.

“Sylvinho”, como era chamado na infância e na juventude, “Sylvão”, na maturidade, nunca criou inimizades e só fez amigos e admiradores.

Tornou-se ainda melhor e mais humano, quando, aos 48 anos, apaixonou-se e se casou com Maria Inês, que tão bem completou sua querida família original, composta pelos pais, dois irmãos e seis irmãs.



Divulgação

Deixou saudades em todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo. Mas, a esta altura, certamente já se inteirou da jurisprudência dominante no Paraíso e, com seu talento e sua bondade, está preparado para fazer em nosso favor seus memoráveis recursos especial e extraordinário, quando deles viermos a precisar. Haverá de mostrar algo de bom que tenhamos feito em nossas vidas, convencendo São Pedro a nos deixar entrar.

Poderemos, então, nós, seus colegas, voltar a privar da sua agradável companhia e da sua inteligente conversa – *causeur* formidável que ele era –, lembrar das coisas boas da advocacia e, de vez em quando, como gostam de fazer os advogados, falar um pouco mal de juízes e promotores...

Roberto Delmanto

Advogado Criminalista, co-autor do Código Penal anotado e autor de “Causos Criminais”, ambos pela editora Renovar.